



## O COMPORTAMENTO DO NÍVEL DO MAR NO RIO GRANDE DO SUL NOS ÚLTIMOS 6 Ka

Sergio R. Dillenburg<sup>1</sup>, Eduardo G. Barboza<sup>1</sup>, Maria Luiza C. C. Rosa<sup>1</sup>, Felipe Caron<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Centro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pampa. Campus Caçapava do Sul.

As curvas de variação do nível relativo do mar (NRM) durante o Holoceno, até hoje propostas para a costa brasileira, foram construídas com base em múltiplos indicadores de paleoníveis, ou com base em restritos indicadores. As oscilações de alta frequência, defendidas por alguns autores, carecem de registros de suas ocorrências ao longo da costa brasileira. Nos últimos 10 anos consolidaram-se as propostas de curvas e envelopes de comportamento do NRM que indicam o seu lento e contínuo rebaixamento, da ordem de 2 a 3 m, após atingido o nível de mar mais alto há cerca de 6 - 5 ka. A costa gaúcha, dominada por extensos e longitudinalmente contínuos depósitos arenosos, não apresenta a maioria dos indicadores de paleoníveis empregados na construção dessas curvas; exceção feita aos depósitos de conchas dos sambaquis, atualmente considerados fracos indicadores de paleoníveis. Em 1989, foi apresentado um esboço de curva para a costa gaúcha, fundamentada na curva de Salvador, originalmente apresentada por um grupo de pesquisadores do sudeste e nordeste na segunda metade dos anos 70. A observação da curva de 1989 permite concluir que o principal objetivo dos autores foi o de propor um relativamente recente nível de mar baixo, posicionado aproximadamente 1-2 metros abaixo do nível atual, há cerca de 1-2 ka, a partir do qual teria iniciado uma elevação ainda ativa, que explicaria o afogamento de terraços lagunares, o desenvolvimento de campos de dunas transgressivos e a erosão costeira observada no Rio Grande do Sul. Um estudo recente da barreira regressiva do Cassino (Rio Grande do Sul), teve por objetivo a análise da progradação de 18 km dessa barreira, cuja morfologia se caracteriza pela alternância de seis conjuntos de antigos cordões litorâneos do tipo duna frontal, separados entre si por fases de formação de lençóis de areia transgressivos. Dados de subsuperfície (sondagens SPT e GPR) permitiram acompanhar o comportamento do NRM durante a progradação da barreira, nos últimos 6 ka, através da variação, no tempo, da posição espacial do contato entre os depósitos antigos de dunas frontais e de pós-praia. Os resultados obtidos indicam que o NRM, após alcançar seu nível mais alto, aproximadamente em 6 ka, rebaixou lentamente cerca de 1,5 a 2,0 m até os tempos atuais, sem apresentar oscilações de alta frequência (seculares) superiores a 1,0 m.

Palavras Chave: Progradação, Dunas Frontais, Pós-praia